

PRODUTOR: Emissora Nacional RDP

Nº. de referência: 2

Título: "O PRAZER DE ACABAR"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): RENARD, JULES

Adaptador: REBELO, L.F.

Realizador: VASCONCELOS, ROGÉRIO DE

Locutor: ?

Data de produção:

Data de Emissão: 29/3/1976

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
NORBERTO BARROCA	MAURÍCIO
MANUELA MACHADO	BRANCA

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

R. Reis

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIA. ARTÍSTICA - JORGE VALE

Indexação: - TEATRO RADIOFÓNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA N° _____	PROGRAMA <u>83</u>
DATA DE ENTREGA / /	EMISSÃO DE / /
PERÍODO DE GRAVAÇÃO
A GRAVAR EM / /	VISTO
HORA _____	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

O PRAZER DE ACABAR

DE

Jules Renard trad. de L.F. Rebelo

Interpretes:

Maurício

Branca

original

MAURÍCIO - (acentuando as palavras): Bom dia, minha querida amiga.

BRANCA - (Menos enfática) Bom dia, meu amigo

MAURÍCIO - Um beijo... (Maurício procura beijá-la por hábito, por delicadeza, e para enfrentar o perigo. Ela recua.

BRANCA - É melhor não...

MAURÍCIO - Apenas como amigo... podes ter a certeza que esse beijo não me perturbaria.

BRANCA - Nem a mim; por isso mesmo é inútil... Deste todas as tuas voltas?

MAURÍCIO - (coloca o chapéu e a bengala sobre um móvel e senta-se à esquerda da lareira, estende as mãos para o fogo, reaviva-o, procura não parecer constrangido. Branca está sentada perto da mesa, do lado oposto àquele onde leu a carta) Todas, e é verdadeiramente estafado que enfim me sento. Ah! Porque é que a gente não pode adormecer solteiro e a acordar casado? Fui primeiro ao registo civil: dirigi-me para um lado, e depois para outro, e mais outro, fiz perguntas a diversas pessoas indiferentes a quem o meu casamento parece não interessar muito... Dali fui até ao alfaiate, provar o fraq. Ele acha indispensável um pouco de enchumaço aqui. Tenho com efeito um ombro mais alto que o outro.

BRANCA - Não tinha dado por isso.

MAURÍCIO - Agora que te é indiferente, posso confessá-lo.

BRANCA - Descansa, não direi a ninguém.

MAURÍCIO - Fui, dali, à igreja. Parece que tenho de me confessar!

BRANCA - Decerto, precisas de purificar a tua alma.

MAURÍCIO - Estou-me a ver grotesco, ajoelhado, pisando as lajes com os meus sapatos de verniz. Agradável quarto de hora!

BRANCA - Receio bem que te seja preciso mais de um quarto de hora. Meu pobre amigo, a tua noiva há-de saber agradecer-te esse sacrifício!

MAURÍCIO - (levanta-se e encosta-se ao fogão) A verdade é que me sinto bastante aborrecido...

BRANCA - Diz antes que tens medo... E não há nada mais deprimente do que um homem com medo!

MAURÍCIO - Estás muito enganada, não tenho medo. Faço mesmo menção de te apresentar à minha mulher como minha parente.

BRANCA - Ou como preceptora para as crianças que hão-de nascer. Mais tarde eu tomaria conta delas e assim vocês poderiam viajar à vontade.

MAURÍCIO - (já azedo) Isto começa mal.

BRANCA - Também tu me irritas com o teu sistema de compensações. (Ergue-se e entrega a Maurício a conta da florista e a conta de madame Paulin) Passei pela florista. Ficou de enviar todas as manhãs um ramo de dez francos.

MAURÍCIO - Dez francos?

BRANCA - Mesmo assim, tive de regatear. Nesta época do ano, nem é caro.

MAURÍCIO - Não, se as flores forem bonitas e se vierem trazê-las a casa.

BRANCA - Virão. Pedi a madame Paulin para arranjar-me um leque, um anel, uma "Bonbonnière" e alguns bibelots. Disse que tu querias ser generoso, mas sem exagerar.

MAURÍCIO - Evidentemente. (ligeiramente inquieto) E... quando terei de pagar?

BRANCA - Quando quiseres; mais tarde, depois do casamento.

MAURÍCIO - (tranquilizado) Fico-te muito graço. (levanta-se; os dois estão separados pela mesa) Na verdade, tu não és uma mulher como as outras.

BRANCA - Nenhuma mulher é como as outras. Que mulher, sou eu, então?

MAURÍCIO - (Pegando na mão de Branca) Uma mulher de tacto. Oh! Até esta última visita fomos perfeitos. Mas é a minha última visita. Não nos tornaremos a ver.

BRANCA - A não ser como amigos. Foi o que ainda há pouco me disseste.

MAURÍCIO - Sim, mas só dessa maneira. E na escada eu ainda senti uma vaga perturbação...

BRANCA - Pois eu já não sinto nada. Quando isto começou, não sabia já que teríamos de nos separar um dia? E se a separação foi difícil...

MAURÍCIO - Não havia forma de acabarmos. Os nossos corações resistiam.

BRANCA - Hoje estão perfeitamente desligados um do outro. Tenho neste embrulho as últimas raízes: algumas fotografias, a tua certidão de idade que eu tive a curiosidade de ver... Como tu ainda és novo!

MAURÍCIO - Ao pé de ti não se envelhece.

BRANCA - ... E um livro que me emprestas-te. Aqui tens.

MAURÍCIO - Pois seja! Contigo é um prazer acabar.

BRANCA - Contigo também.

MAURÍCIO - E como nós estamos a fazer é que está certo. É tão raro alguém separar-se assim! Amámo-nos tanto quanto é possível, como não se ama duas vezes na vida, e separamo-nos porque é preciso, sem discussões, sem a menor amargura.

BRANCA - Acabamos do modo mais perfeito.

- MAURÍCIO - Damos o exemplo de ruptura ideal. Podes ter a certeza de que se alguém disser mal de ti, não serei eu.
- BRANCA - Pois eu só te caluniarei se for absolutamente necessário... (senta-se à direita de Maurício à esquerda da mesa) Queres devolver o meu retrato?
- MAURÍCIO - Gostaria de ficar com ele.
- BRANCA - Seria melhor que mo devolvesse ou que o rasgasses do que atirá-lo para o fundo de uma gaveta.
- MAURÍCIO - Quero guardá-lo. Direi: é o retrato de uma actriz que era admirável numa peça a que assisti.
- BRANCA - E as minhas cartas?
- MAURÍCIO - Duas ou três cartas frias, em estílo comercial.
- BRANCA - Sempre detestei escrever.
- MAURÍCIO - Também as guardo. Elas defender-me-ão, se for preciso.
- BRANCA - Não te enerves e vamos falar tranquilamente do teu casamento. Viste hoje a tua noiva?
- MAURÍCIO - Apenas cinco minutos. Está tão ocupada com o enxoval! E o grande dia aproxima-se.
- BRANCA - Ela gosta de coisas bonitas?
- MAURÍCIO - Gosta, quando são caras.
- BRANCA - Dize-lhe que o azul é a cor das loiras. Tenho aí uma boa revista de modas que te emprestarei. Ela tem bom gosto?
- MAURÍCIO - Tem o gosto da moda.
- BRANCA - Penso que deves intimidá-la... com a tua idade..., a tua experiência... Falando a sério, achas que é bonita?

MAURÍCIO - És tu que és bonita.

BRANCA - É dela que eu falo. Parece-te bonita?

MAURÍCIO - Bonita e fresca como o título de uma gravura "A Primavera".

BRANCA - Enfim, agrada-te? Oh! não receies magoar-me...

MAURÍCIO - Desagrada-me cada vez menos.

BRANCA - Lembra-te que fui eu quem ta indicou. É caprichosa? (Maurício, distraído, não responde. Branca toca-lhe no braço.) Para onde estás a olhar?

MAURÍCIO - Estou a encher os meus olhos. Faço a minha reserva de recordações. Todas estas flores dão à tua salinha um ar de festa.

BRANCA - Perguntei-te se ela tem caprichos, preferências?

MAURÍCIO - Gosta de tudo o que eu gosto.

BRANCA - É cómodo.

MAURÍCIO - Assim, não será preciso preparar duas refeições diferentes.

BRANCA - Estás com espírito esta noite.

MAURÍCIO - É a girândola final do meu último fogo de artifício.

BRANCA - E não te constrange falar assim de uma rapariga que dentro de dias será tua mulher?

MAURÍCIO - Censuras-me por isso? Sabes muito bem que, se falo neste tom, em parte é para te ser agradável.

BRANCA - Nada de ternuras.

MAURÍCIO - Por amor de Deus! Estamos a conversar familiarmente das nossas pequenas coisas e o próprio sr. Guireau poderia ouvir-nos.

BRANCA - Deixemos em paz o sr. Guireau. (levanta-se, dá alguns passos lentamente.)

MAURÍCIO - Perdão, querida, o teu casamento interessame tanto como o meu; não quero parecer mais egoista do que tu, e, uma vez que o meu futuro te preocupa, não é demais que me interesse pelo teu. Assim ficaremos quites.

BRANCA - Sim. Mas falemos antes de outra coisa. (Senta-se à esquerda do fogão).

MAURÍCIO - Ora essa! Estou a informar-te a respeito do minha futura mulher, exijo ser informado sobre o teu futuro marido. Senão poderia pensar que tens intenções reservadas. Esta preocupação recíproca é a melhor prova da nossa boa fé. Não só não tenho nenhuma razão de ter ciúmes do Sr. Guireau, como desejaria até conhecê-lo. Só o vi uma vez e causou-me excelente impressão. Ele vem ver-te muitas vezes?

BRANCA - De quinze em quinze dias, regularmente.

MAURÍCIO - Bom sinal! É um homem metódico e disciplinado. Como é que ele se chama?

BRANCA - Guireau.

MAURÍCIO - Não, o nome próprio?

BRANCA - Na sua idade não se tem nome próprio.

MAURÍCIO - Mas como é que tu lhe chamas?

BRANCA - Chamo-lhe sr. Guireau.

MAURÍCIO - Sempre?

BRANCA - Sim, sempre. Queres acabar com este interrogatório policial?

MAURÍCIO - Porquê, se me diverte? Bem podes deixar que eu me divirta um pouco.

BRANCA - À tua vontade.

MAURÍCIO - E o que é que vocês fazem?

BRANCA - Que queres tu que se faça?

MAURÍCIO - Ele só te beija a ponta dos dedos?

BRANCA - Só... Conversamos. Ele sabe conversar. Dá-me conselhos, previne-me contra as más companhias. Além disso, é um músico de primeira ordem e, algumas vezes, traz o seu violino.

MAURÍCIO - E depois, quando a conversa vai esmorecendo e a música se cala?

BRANCA - Estás a ir longe demais. (Levanta-se) Tenho o direito de não responder mais nada.

MAURÍCIO - Preferes que eu adivinhe?

BRANCA - Adivinhar o quê? Pensas logo mal... Há outras coisas na vida e, de hoje em diante quero ser séria e prática. Oh! Não me custará muito. Amei o meu bocado, posso renunciar ao amor.

MAURÍCIO - Oh! Oh!

BRANCA - É assim mesmo. Aliás o sr. Guireau é um amigo paternal que me ama por mim, e não por ele. (Senta-se no tamborete)

MAURÍCIO - Em sumo, é um adorador platónico...

BRANCA - Tive sorte. Os homens bem educados são cada vez mais raros. O sr. Guireau conserva as maneiras do século XVIII. Avisa-me das suas visitas com dois dias de antecedência.

MAURÍCIO - E não te dirige uma única palavra mais inflamada do que as outras?

BRANCA - Admiras-te que ele me respeite? Certo de viver na companhia de uma mulher agradável e civilizada que lhe mostrará

um rosto risonho, o escutará com complacência, cuidará da casa, recebaré os seus amigos, tratará dele e não o aborrecerá nunca, o sr. Guireau não me pede nem eu lhe prometo mais.

MAURÍCIO - (sopesando o pequeno embrulho) E se ele soubesse do nosso passado?

BRANCA - Não deixaria transparecer...

MAURÍCIO - (levanta-se) É um bom homem! Em resumo, Ele acaba bem, eu acabo bem e tu igualmente acabas bem. Três pessoas acabam de uma vez só, ao mesmo tempo. É o que se chama uma catástrofe.

BRANCA - Sem vítimas.

MAURÍCIO - Ainda uma pergunta. Mas faço-a a brincar, como se pergunta a uma criança se gosta mais do papá ou da mamã...
(com gravidade) Se eu te pedisse, eras capaz de renunciar ao sr. Guireau?

BRANCA - Acho que no ponto em que estamos essa pergunta não tem o menor sentido.

MAURÍCIO - (senta-se em frente de Branca) Uma vez que eu faço a pergunta a brincar, responde também a brincar...

BRANCA - Lembra-te de que uma noite, muito excitado, me pediste para casar contigo, para viver numa cabana de cantoneiro, comendo o pão de cada dia, e ir para a Argélia onde a vida é mais barata! E o que foi que eu te respondi?

MAURÍCIO - (muito lentamente) Que a miséria te assustava, que o pão seco te repugnava, mesmo feito em casa, que tinhas horror a mudanças, que te faltava o génio colonizador e que nada sabias fazer com as mãos senão carícias. Foi isso que me respondeste.

BRANCA - Estás portanto esclarecido há muito tempo. É tudo?

MAURÍCIO - É. (Branca levanta-se e vai até ao fogão) Para quando

é o casamento?

BRANCA - Qual?

MAURÍCIO - O teu.

BRANCA - Oh! Não temos pressa.

MAURÍCIO - Eu, no teu lugar, marcaria uma data, por uma questão de prudência.

BRANCA - Adiámo-lo para o ano que vem.

MAURÍCIO - Precisas de um inverno para arejar o teu coração? Fazes mal. (levanta-se e vai até ao fogão) passando em redor da mesa.) Uma vez que nos decidimos pelo casamento, deve-se logo mergulhar nele de olhos fechados, como eu fiz. (Estão encostados ao fogão, Branca à esquerda, Maurício à direita).

BRANCA - O ideal seria que nos asássemos ambos no mesmo dia.

MAURÍCIO - E porque não? Conclui-se do meu inquérito que aprecio muito o sr. Guireau. Estou certo de que esrá um marido exemplar.

BRANCA - Como tu, embora por outras razões. Tens todas as qualidades necessárias para isso.

MAURÍCIO - Mas também tu, minha querida, serás uma excelente esposa. Contigo ele será muito feliz.

BRANCA - Contigo, Berta será muito feliz... Pobre pequena!... (Longa pausa. Em seguida Branca aproxima-se de Maurício. Estão sentados frente a frente separados pela mesa.) Gostaria de ver-te a fazer-lhe a corte.

MAURÍCIO - Não sou muito desajeitado.

BRANCA - Como foi que fizeste?

MAURÍCIO - Exactamente como fiz contigo.

- BRANCA - E estás fazendo progressos?
- MAURÍCIO - Espero que sim. Julgo mesmo que ela me deu menos trabalho que tu.
- BRANCA - Não admira, é a segunda vez. Estás mais experiente.
- MAURÍCIO - E a tua resistência foi maior.
- BRANCA - Não fiz de propósito, Julgava que a minha vida de mulher estava acabada e exitava em lançar-me numa nova aventura. As anteriores não me tinham enriquecido. Sem fazer de propósito, nunca amei senão homens sem dinheiro... Além disso, eu pensava já num casamento razoável, e era só, devo confessá-lo, a ocasião que me faltava. Aí tens porque eu te resistia. E depois, parecias tão jovem! Tinhas ainda um aspecto tímido e desajeitado de um estudante. E eras magro! Tão magro!
- MAURÍCIO - Quanto a isso, melhorei bastante.
- BRANCA - Só tenho razões para me sentir orgulhosa... A verdade, porém, é que já não és o mesmo. Acolhi quase uma criança e é um homem que eu deixo. Eu preferia a criança. Tu dantes eras feio e a idade...
- MAURÍCIO - A idade embelezou-me?
- BRANCA - Não, tornou-te insípido. Tens menos sabor, menos lirismo. Dizias poeticamente coisas do outro mundo. Garantote que às vezes dir-se-ia que falavas em verso.
- MAURÍCIO - E falava; mas os versos não eram meus. Citava apenas, por precaução. Havia, se bem me lembro, algumas estrofes de MUsset na declaração que eu te escrevi e que tu leste ao meu antecessor.
- BRANCA - O quê? Julgas-me capaz de uma indelicadeza dessas?
- MAURÍCIO - Julgo, porque tu própria mo disseste mais tarde, numa confissão ao ouvido.
- BRANCA - Isso é verdade?

- MAURÍCIO - Posso jurar-te. Parece que ele riu muito, e tu também te riste. Não foi bonito...
- BRANCA - Pois não. Comecei por fazer troça de ti... é o costume. E tu acabarias por fazer troça de mim se eu não tivesse tomado a dianteira.
- MAURÍCIO - É o costume.
- BRANCA - Aliás, houve sempre um pouco de bom humor nos meus sentimentos para contigo. Divertia-me a amoldar-te. Sem me gabar, se tu eras inteligente, tornaste-te graças a mim, um homem distinto. Tens garbo. Nunca dizes palavras grosseiras. Falas delicadamente às mulheres e não conservas o cigarro na boca. Usas luvas, tens as mãos cuidadas, os teus negócios em ordem. Mudei o teu corte de cabelo, suprimi a risca e ensinei-te a fazer o nó da gravata.
- MAURÍCIO - E ensinaste-me ainda muitas outras coisas...
- BRANCA - Oh! Aprendias com facilidade...
- MAURÍCIO - Aplicava-me tanto!
- BRANCA - E não eras ingrato. Tenho da tua gratidão uma prova que me é cara e que religiosamente guardo.
- MAURÍCIO - Uma prova?
- BRANCA - Uma carta, a única das tuas cartas que não queimei. Não pude separar-me dela. Quero-lhe muito. É o testemunho da felicidade que me deves, uma espécie de diploma do nosso amor e do teu reconhecimento. Estava a relê-la quando entraste. Não pude resistir a tornar a lê-la.
- MAURÍCIO - Onde está ela? Mostra-a...
- BRANCA - Não mostro nunca as minhas cartas...
- MAURÍCIO - Mas se fui eu que as escrevi!

- BRANCA - É justo. Consinto: afasta-te um pouco! (levanta-se, vai ao lugar que Maurício antes ocupava, abre a gaveta e tira a caixa que mostra a Maurício, o qual fica de pé.)
- MAURÍCIO - É nessa caixa que tu escondes as tuas cartas?
- BRANCA - Só a tua carta e mais duas ou três jóias de família.
- MAURÍCIO - Reconheço-a por esse envelope amarelo e esse papel barato. Escrevi-a num café. Acabava- de sair da tua casa, dos teus braços. Sentia ainda nas mãos, que vinham de percorrer a tua beleza, um resto de estremecimento. Não podia preocupar-se com a escrita.
- BRANCA - O melhor de ti está nessa carta.
- MAURÍCIO - Sim, recordo-me de que experimentei sobre a mesa de mármore frio, onde o fogo das minhas mãos acabava de se extinguir, a necessidade de cantar-te um hino de louvor.
- BRANCA - (lê) "és bela e boa. Adoro-te toda inteira, o teu corpo, o teu coração e a tua alma com todas as suas dependências..." (r1)
- MAURÍCIO - (interrompendo) Que belo livro não se escreveria sobre os nossos amores.
- BRANCA - (Apontando a carta) Bastava copiar. (Lê, dando a impressão de apenas destacar algumas passagens da carta) "És tão indulgente para os defeitos dos outros, que chegamos a gostar dos teus...; Preferes que se diga de ti: é uma mulher deliciosa, do que: é uma mulher inteligente... "E isto agora aqui: "Nunca dizes mal dos outros, a não ser que eles comecem primeiro. Se te acontece algumas vezes mentir..." E acontece?
- MAURÍCIO - Oh! Muito pouco e inocentemente, como quem pinta os cabelos, porque acredita que é um atractivo a mais.
- BRANCA - (lendo) "Gostas dos belos vestidos porque te ficam bem, do teatro quando te faz rir, e da sociedade porque uma

mulher da tua idade não pode viver numa toca..." (ri)

MAURÍCIO - (passando a ler a carta apoiado na poltrona) "Gostas de ser amada com delicadeza, que se te ofereça de vez em quando um ramo de violetas, uma caixa de bombons, um lençinho de renda, um passeio de carro, e que se tenha por ti essas pequenas atenções sem preço que aquecem mais o coração das mulheres do que as plumas o seu pescoço..."

BRANCA - Sim, eu gosto que me amem assim.

MAURÍCIO - (lê com emoção crescente, enquanto Branca pouco a pouco se distrai) "Esta noite mal tive tempo de te beijar. Não tomei posse bastante, como desejava, de ti. Da mesma maneira que um visitante tímido, depois de sair, recorda o que deveria ter dito, eu percorro-te dos cabelos aos pés e digo: é ali que eu deveria especialmente ter posto os meus lábios, ali também, ali ainda, e não deveria ter parado de beijar-te um só instante..." (deixa cair a carta.) És a mulher com que eu sonhava e vou-te deixar!

BRANCA - (ergue-se) Maurício, Maurício, estás a afastar-te do texto da carta.

MAURÍCIO - (tomando as mãos de Branca) Branca, Branca, amei-te com todo o meu ardor e creio que neste momento és a minha única, a minha verdadeira mulher.

BRANCA - Então, Maurício! Nada de entusiasmos! Acabarás por dizer tolices, sem vantagem nenhuma, pois não deixarei que as faças.

MAURÍCIO - Branca, uma só palavra tua e eu mando passear a pequena e a sua fortuna, as conveniências e o meu futuro: Abandono tudo.

BRANCA - Eras capaz?

MAURÍCIO - Imediatamente. Experimenta...

- BRANCA - (põe as mãos sobre os ombros de Maurício) Obrigado. É sempre agradável ouvir isso. Mas eu não quero dizer essa palavra. Calo-me. Calar-me-ei obstinadamente.
- MAURÍCIO - Os teus olhos.
- BRANCA - Nem sequer a testa.
- MAURÍCIO - Os lábios, depressa.
- BRANCA - Nada.
- MAURÍCIO - O teu corpo, então...
- BRANCA - Juro-te que sairás daqui com a mesma sede.
- MAURÍCIO - Branca, desejo possuir-te uma última vez. Seria delicioso. Seria original, seria divertido.
- BRANCA - Seria de morrer a rir.
- MAURÍCIO - Ouve, Branca!
- BRANCA - Sim, compreendo, seria um sabor delicado, um certo gosto de adultério antecipado... Estás a propor-me, pura e simplesmente, uma noite de aventura e depois despedir-nos-íamos, como camaradas e, de um salto, passarias de uma mulher para a outra. Essa ideia é um verdadeiro achado.
- MAURÍCIO - É uma ideia como qualquer outra.
- BRANCA - É uma ideia ridícula... e suja. Indigna de ti.
- MAURÍCIO - Tu é que és ridícula! Deixa-te de histórias! Ora dize-me: A quem é que nós faríamos mal? e quem viria a saber?
- BRANCA - Eu?
- MAURÍCIO - Sim, ridícula e má! Recusas por orgulho, porque estás despeitada. (Branca encolhe os ombros) Sim, despeitada com o meu casamento ... Como se não fosse obra tua!

Porque foste tu que me levaste a isso, contra minha vontade! Assim, dissimuladamente, justificavas o teu casamento. Era preciso afastar-me, o sr. Guineau estava à espera.

BRANCA - Por amor de Deus Maurício!

MAURÍCIO - A prova que digo a verdade é que eu sacrificaria neste mesmo instante, sem hesitar uma fortuna que pouco me importa, ao passo que tu...

BRANCA - Isso prova apenas que tu estás fora de ti, Maurício, e que eu tenho juízo pelos dois.

MAURÍCIO - Pronto, pronto, não chores.

BRANCA - Não estou a chorar.

MAURÍCIO - É melhor retirar-me. Se fiquei, foi por julgar que assim a desejavas. Por mim, não estava muito interessado. E agora não estou mesmo nada. Bom dia, até à vista, boa noite, adeus. Recomendações ao sr. Guireau.

(Faz aqueles preparativos de uma saída falsa que consistem em pegar no chapéu e na bengala, tornando a pô-los no mesmo sitio, para depois pegar de novo neles e tornar a arrumá-los.)

BRANCA - (melancólicamente, sem olhar para Maurício) Era preciso que isto acabasse tão miseravelmente! É com insultos que tu me deixas, quando vieste esta noite, sem que nada a isso te obrigasse, como um bom amigo, disposto a ser leal e meigo até ao fim. Sentíamo-nos ambos orgulhosos. Os amantes só valem pelas recordações que deixam um ao outro, e nós procurávamos ficar com as mais belas recordações; ~~Desastrado!~~

MAURÍCIO - (volta lentamente) Sim, desastrado. Hei-de estragar sempre tudo. Tu continuas a ser a mesma amiga adorável e eu não consigo senão revoltar-te. Eu sei que sou assim. Faço sempre a mim próprio grandes promessas que nunca chego a cumprir. Nada me fará mudar. E não serás tu a

única mulher que eu hei-de atormentar. A prova é que, assim que te deixar, irei ter com a outra, anjo de docilidade; lamento-o sinceramente.

BRANCA - Estás a fazer-te pior do que és. No fundo não és mau, mas às vezes, sentes prazer em dizer coisas desagradáveis, mesmo sem pensar. Até agora a tua conduta era irrepreensível. Tudo ia tão bem! Que foi que te aconteceu?

MAURÍCIO - Não sei... Um acesso.

BRANCA - Enfim... Só tiveste esse pequeno momento de erro e eu perdoo-te. (estende-lhe a mão)

MAURÍCIO - Tu perdoas sempre! Mas o teu perdão não me justifica. (Estendendo-lhe as mãos) Falhada por minha causa; estragada a nossa despedida! Agora só me resta desembaraçar-te da minha lastimável pessoa. Contanto que eu não volte maquinalmente amanhã!... Está tudo em ordem? Não me deves nada, eu não te devo nada?

BRANCA - Queres um recibo?

MAURÍCIO - Um recibo datado e assinado, que eu gentilmente depositaria na corbeille do casamento...

BRANCA - Vê bem o que dizes...

MAURÍCIO - Sim, sinto que cada palavra que pronuncio agora só pode ser um desastre a mais. Dão depressa tenho a impressão de deixar uma companheira de viagem: chego, desço e cumprimento, correcto e banal; como desejaria de dizer uma coisa de muito profundo, muito doce, decisivo, a última palavra, e não a encontro. No entanto não posso sair à francesa. Meu Deus, inspira um pobre homem e tu, minha triste e generosa amiga, ajuda-me!

BRANCA - Fazes-me pena! Não te tortures. Não procures nada. Não digas nada e vai-te embora.

MAURÍCIO - Vou. Se ao menos eu tivesse a certeza de que já não estás zangada....

- BRANCA - Não estou. Vai e sê feliz. Olha, não esqueças o teu embrulho.
- MAURÍCIO - (que ia saindo, volta) Sim, tens razão. Se tu pudesses repousar os teus nervos fatigados, dormir...
- BRANCA - Vou experimentar. Estou cansada. Deixa-me, quero ficar só.
- MAURÍCIO - Recosta-te nesta almofada. Queres que eu diminua a luz?
- BRANCA - Não, ficaria fúnebre. Ateia o fogo; estou a tremer de frio. (Maurício apressa-se a arranjar o fogo, depois vai, na ponta dos pés, beijar as mãos de Branca) Ainda aí estás?
- MAURÍCIO - Chiu! Não te preocupes comigo, em já me fui embora. Já não está ninguém ao pé de ti.
- BRANCA - Que vazio! Quantas coisas levas contigo!
- MAURÍCIO - (erguendo a cortina) Mas o melhor papel é o teu. (Sai. A cortina torna a fechar-se. Branca fica a olhar.)

